Ano X — Lisboa, Dezembro de 1954 — N.º 116

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NATAL DE 1954

O GRANDE ESCOTEIRO

PELO REV. J. VASCO DOS SANTOS

Queridos amigos escoteiros: Vamos falar do Natal. Sim, vamos falar dele mais uma vez. Falar do Natal é pensar em Jesus Cristo que um dia abriu os seus olhos para a luz deste mundo em qualquer recanto de um estábulo em Belém da Judeia.

Neste mundo têm nascido muitos grandes homens. Grandes sábios, grandes guerreiros, grandes estadistas. Sábios e filósofos como Sócrates e Platão. Guerreiros como Alexandre e Napoleão. Políticos-Estadistas que, pelo fulgor da sua inteligência, pelo brilho meteórico da enorme influência que exerceram no mundo do seu tempo, deram os seus nomes aos séculos em que viveram, como Péricles na Grécia e Augusto em Roma.

Além destes, que foram grandes entre os maiores, outros mais nasceram que se tornaram célebres nos fastos da História. Mas nenhum destes, nenhum, reparai bem, deu origem à palavra Natal.

Esta palavra alegremente sonora, cheia de magia e de encanto, desperta em nós um vasto mundo de pensamentos sublimes. Parece cercada por um Halo divino de doçura e de suavidade infinitas.

Ao pronunciá-la, os nossos olhos extasiados, volvem-se instintivamente para a contemplação embevecida dos presépios, e sentimo-nos transportados, uns em pensamento, outros em corpo e alma para junto dessas arvorezinhas feèricamente iluminadas e ornamentadas com apetitosas guloseimas e brinquedos tentadores, envolvendo-nos num doce ambiente de singela e encantadora fantasia, e enchendo as nossas almas sonhadoras de uma santa e adorável poesia infantil, que por momentos nos arrebata para as regiões etéreas do sonho e da ventura.

Mas essa palavra mágica, que vos faz pensar automàticamente no simpático ancião de barbas brancas descendo pelas chaminés a colocar nos vossos sapatinhos deliciosas prendas, e que tem, como nenhuma outra, o poder de inspirar nas almas piedosas sentimentos de bondade e de altruísmo, levando-as a repartir pelos pobres e desamparados, pelos rapazinhos infelizes, por todas as crianças mais desprotegidas da sorte, um pouco de conforto, de carinho e de amor, essa palavra, que se não fosse divina merecia sê-lo, fala-nos também, e principalmente, desse momento grandioso da História, em que surge no mundo o Deus-Menino, o Menino Jesus, no tosco e improvisado presépio de Belém. E essa criança adorável, que viu a luz

(Continua na 2.ª página)



«O Guia» (Reprodução de um quadro a óleo)

As comemorações do X aniversário do «SEMPRE PRONTO»

O programa das comemorações do 10.º aniversário do nosso jornal despertou o mais vivo interesse entre os nossos amigos e leitores e tudo se conjuga para que elas se revistam de brilhantismo e constituam um grande acontecimento escotista.

O almoço de confraternização

O almoço de confraternização, no qual se podem inscrever todos os nossos amigos e assinantes, escoteiros e dirigentes, bem como suas Esposas, será servido no Ateneu Comercial de Lisboa por uma casa especializada e promete constituir uma boa oportunidade de congregar muitos dos bons amigos e colaboradores deste jornal.

O almoço realiza-se no Domingo, dia 2 de Janeiro próximo, pelas 13 1/2 horas. A inscrição custa Esc. 40$00 e deve estar paga até ao dia 20 de Dezembro corrente. O êxito desta iniciativa está assegurado, visto que o número de inscrições é já elevado. Estas podem ser feitas na Redacção e na Tabacaria Boa-Hora, Rua Nova do Almada, 46.

Exposição da Imprensa Escoteira Mundial

O Ateneu Comercial de Lisboa, cujos serviços ao Escotismo são já inumeráveis, mais uma vez colocou à nossa disposição as excelentes instalações da sua sede para serem

(Conclui na 2.ª página)

O «SEMPRE PRONTO» deseja a todos os seus amigos e colaboradores um Natal de paz e felicidade.

As comemorações

do X aniversário do «SEMPRE PRONTO»

(Conclusão da 1.ª página)

efectuadas estas comemorações. A Exposição da Imprensa Escoteira Mundial será também aqui realizada e inaugurada no mesmo dia do almoço, às 16 horas. Contamos já com mais de uma centena de revistas e jornais escoteiros diferentes e todos os dias nos estão chegando novas comparticipações. Possuímos publicações de quase todos os países da Europa e estão chegando agora de outras nações mais distantes.

Prontificaram-se gentilmente a cooperar nesta iniciativa os nossos estimados amigos e sócios dedicados do Ateneu, srs. João Alves Pereira Mateus e Francisco da Conceição Almeida.

A Exposição será encerrada no dia 3 às 24 horas.

Sessão solene

A sessão solene será também realizada na mesma prestigiosa colectividade no dia 3, segunda-feira, às 21 1/2 horas. Será orador o ilustre jornalista e antigo escoteiro sr. Belo Redondo, que, pelas suas brilhantes qualificações como jornalista e escoteiro, é, sem dúvida, o mais indicado orador para a sessão do aniversário de um jornal escoteiro.

A sessão será especialmente dedicada aos Antigos Escoteiros, aos colaboradores e assinantes do «Sempre Pronto», os quais são convidados a assistir.

Número especial

Em Janeiro próximo, publicaremos um número especial do «Sempre Pronto» com larga comparticipação de todos os nossos colaboradores.

Pedimos a todos os Antigos Escoteiros para cooperarem connosco neste número, enviando-nos publicidade das suas casas comerciais ou industriais. Já recebemos anúncios de dois importantes estabelecimentos e apelamos para todos os nossos amigos para virem ao encontro deste nosso desejo.

Não pediremos publicidade a Antigos Escoteiros, pois terá para nós um significado particular a adesão espontânea a esta iniciativa.

Para as profissões liberais teremos um anúncio de 1/16 página por Esc. 30$00. Para o comércio e indústria aplicaremos a seguinte tabela:

1/8	página	60$00
1/4	»	100$00
1/2	»	200$00
1	»	350$00

No mesmo espírito de colaboração pedimos a todos os antigos e actuais escoteiros que dêem sempre a preferência aos nossos anunciantes.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O GRANDE ESCOTEIRO

(Conclusão da 1.ª página)

deste mundo docemente embalada pelos coros das Milícias Celestiais, o filho dilecto da Virgem Maria, cresceu, enfim, foi rapazinho como vós. Fez-se homem e tornou-se o meigo Jesus de Nazaré. E foi Ele, e só Ele, que deu origem à palavra Natal, e é só d'Ele que o Natal exclusivamente nos fala.

Por esta razão, eu quisera que todos vós, escoteiros, neste Natal de 1954, pensásseis em Jesus de maneira diferente daquela que já é tradicional. Que não pensásseis sòmente no Menino Jesus das gulodices, das prendas e dos presépios, mas também no rapazinho igual a todos vós, que cresceu como vós, que teve aspirações como vós, que sonhou, como vós sonhais, com dias felizes, cor de rosa, que possuiu também, como vós, uma alma de escoteiro. Jesus escoteiro? Porque não? Imaginai-o, rapazinho ainda, um companheiro ideal que estava sempre pronto a ajudar todos os seus companheiros. Não é esse um dos alvos mais nobres do Escotismo? O Escotismo é uma escola de altas virtudes cívicas que perduram pela vida fora. Jesus conservou consigo durante toda a vida todas as virtudes que cultivou em rapazinho até ao momento em que, em plena florescência da vida, resolveu sacrificar totalmente a sua mocidade ao bem estar de todos os seres humanos, de quem se tornou o melhor dos companheiros. Faz parte integrante do programa escotista o contacto com a Natureza através dos acampamentos. Jesus entreteve igualmente larga comunhão com essa mesma Natureza, à qual mais tarde iria buscar imagens de majestosa beleza para ilustrar suas doutrinas. É dever de todo o escoteiro praticar, pelo menos, uma boa acção por dia. Todos os dias da vida de Jesus estão repletos de boas acções. Cedo o escoteiro começa a pensar nos problemas sérios da vida. Jesus, aos 12 anos, discutia no Templo com os doutores assuntos transcendentes para a sua idade. A divisa do escoteiro é estar sempre pronto para servir. Jesus esteve igualmente sempre pronto para servir o próximo, para suavizar seus sofrimentos, para aliviar suas dores, para enxugar suas lágrimas.

Dizei-me agora, caros amigos — porque não há-de Ele ser considerado como um de vós? Um grande escoteiro, um escoteiro modelo, um escoteiro na mais elevada e mais nobre significação da palavra?

Sim, Jesus é o grande escoteiro. Neste Natal, pelo menos, olhai para Ele como o vosso principal Escoteiro-Chefe. Tentai vê-Lo desta maneira, e tornar-vos-eis, vós mesmos, verdadeiros escoteiros. Escoteiros cada vez melhores, mais nobres, mais dignos e mais conscientes da vossa missão. E tereis também aprendido uma das maiores e mais belas lições do Natal.

J. Vasco dos Santos

Ainda o Acampamento Interpatrulhas de São Paulo — BRASIL

O que nos diz Henrique Barroqueiro, chefe do Subcampo «Nóbrega»

Com muito prazer dou ao *Sempre Pronto* impressões sobre a Patrulha Cão da A. E. P., que tomou parte no A. I. P. de Interlagos, em comemoração do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo.

Uma Patrulha igual a tantas outras que tomaram parte no A. I. P..

Se não fez mais bonito também não me envergonhou perto das demais acampadas no meu Subcampo. Digo não me envergonhou, porque sou brasileiro só de há três anos, e como sinto no coração o movimento português, e por português sou conhecido no Brasil, sofreria se os nossos rapazes não se tivessem portado à altura daquilo que somos.

Das patrulhas que estavam sob a minha chefia, oito eram brasileiras, uma chilena e a «Cão» portuguesa. Esta acampou a meu pedido no meu Subcampo, e sinto-me feliz por ter visto nela que nada deve Portugal a outro país em espírito Escoteiro. É tão Escoteiro como os demais países Escoteiros. Foram as impressões que me deixaram os rapazes da Patrulha Cão, neste grande acampamento. A eles o meu grande abraço escoteiro e até Lisboa se Deus quiser.

Henrique Barroqueiro
C. L.

• • o • •

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

A criança não esquece

GALEÃO COUTINHO

André Maurois, num depoimento muito curioso, transmite-nos o seu caso pessoal em relação às impressões da infância que permanecem no adulto e difìcilmente se apagam. De facto, a criança não esquece e lega ao adolescente, como este ao homem maduro, tudo quanto fortemente o comoveu nos dias da sua meninice. Por isso mesmo, um poeta árabe lançou a célebre definição, hoje incorporada no património comum das frases feitas: «O menino é o pai do homem».

Se todos os pais meditassem um pouco, perderiam o hábito de submeter os filhos a certas práticas brutais. Não nos referimos apenas ao espancamento, mas a certas fórmulas escarnecedoras, chamando frequentemente a atenção para um defeito físico de que a criança portadora não é absolutamente culpada. Há ainda aqueles pais que chamam aos filhos «burros», «estúpidos», quando os mesmos se apresentam em casa com uma nota baixa nos estudos. «Qual, este meu filho não dá para nada?». «Meu filho, você é a minha vergonha: a quem é que você saiu tão atrapalhado?». Estas frases repetem-se todos os dias nos lares, deprimindo os pobres seres. Raros são os pais inteligentes que procuram indagar a causa da negligência escolar dos filhos: Palavras de estímulo valem muito mais; e, no entanto, os progenitores têm horror de pronunciá-las. Dotados de fraca memória, os pais em geral esquecem-se de que foram crianças, ou então repetem aos filhos aquilo que frequentemente ouviram dos seus pais. O erro antigo não é corrigido, mas transmitido como uma herança moral. O que vem de trás toca-se para diante.

Hoje, a psicanálise prova que as repercussões futuras, na vida mental de um ser humano, de tudo quanto fortemente impressionou na infância, determinam o seu procedimento e modelam a sua personalidade. Não se deve deprimi-la, mas exaltá-la, ou quando menos, tentar por meios inteligentes, corrigir-lhes as faltas por meio de investigações pacientes. Se o filho só obtém notas baixas, deve haver causa: Falta de alimentação suficiente? Depressão nervosa provocada por alguma enfermidade não identificada? Más companhias, isto é, convívio de jovens de personalidade já formada, influindo naquela, cuja personalidade está em vias de formação? Há um sem número de causas, mas os pais têm medo de investigá-las, ou jamais chegariam a entender o complicado mecanismo da vida psíquica da criança. E, lançando mão de processos simplistas, desandam a zombar dos filhos, lançando-lhes em rosto censuras que os humilham e revoltam.

A sensibilidade infantil é muito mais aguda do que a sensibilidade adulta. Esta já se acha embotada em luta pela vida. E o conflito entre ambas resulta precisamente dessa diferença. Os adultos tratam a criança segundo as suas próprias disposições adultas. Um erro monstruoso, do qual se conclui que precisamos educar os pais, se quisermos salvar os filhos. — *SPES de São Paulo — Brasil.*

Um novo calendário em 1956?

Falam alguns jornais de um novo calendário, ou melhor, da reforma do calendário que hoje usamos. Este acontecimento, a realizar-se, teria o seu quê de sensacional, pois trata-se de um sucesso que poucas vezes se tem registado na História.

Mas, podem perguntar os leitores: porque pretexto se levaria a cabo tal empreendimento? Essa medida seria imposta por alguma conveniência geralmente reconhecida? Decerto que sim. Quem há que ainda não tenha reparado nas inúmeras variações do nosso calendário? Como explicar, por exemplo, a incongruência de haver 7 meses com 31 dias, 4 com 30 dias e outro sòmente com 28 ou 29 dias? Pois são estas complicações do nosso calendário que a reforma anunciada se propõe eliminar, substituindo o actual por outro de contextura mais simples e razoável.

O calendário que presentemente usamos deve-se a uma reforma de Júlio César, em 46 a. C.. O *sistema juliano* baseia-se no ano de 365 dias e, de 4 em 4 anos, de 366, divididos em 12 meses. Porém, como o ano solar tem, na realidade, 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos de duração, isto é, menos 11 minutos e 14 segundos que a arrumação que um quadriénio indica, a acumulação deste lapso de tempo perfazia, em 1582, ano em que o papa Gregório XIII ordenou nova reforma, 10 dias completos. Nesse ano, com o novo *calendário gregoriano*, foi acordado que o dia seguinte a 4 de Outubro fosse o dia 15 do mesmo mês, recuperando-se assim os dez dias de atraso e voltando as estações do ano a harmonizarem-se com as datas marcadas para os equinócios e solstícios. Esta reforma ainda prescrevia que, para evitar o atraso de 3 dias em 400 anos, fossem suprimidos aos anos de 1700, 1800 e 1900 o dia suplementar que os tornaria bissextos. Todavia, estas medidas não impedem que em menos de 4.000 anos se verifique o atraso de um dia.

Por isso, a ONU estuda agora a possibilidade de adopção de um novo calendário, igual para todos os povos civilizados, porque sòmente um quarto dos habitantes do globo respeitam o calendário gregoriano.

Um dos projectos que está merecendo mais aprovação, conserva a divisão do ano em 12 meses e 4 trimestres. Ao contrário do actual calendário, os trimestres teriam todos o mesmo número de dias — 91, e começariam invariàvelmente a um domingo, sendo o primeiro mês de 31 dias e os dois seguintes de 30 dias cada. Os quatro trimestres somariam, assim, 364 dias e, portanto, para prefazer a conta dos 365 dias do ano comum, seria promulgado o «Dia de Feriado Universal», colocado no final do ano. Como se pode deduzir, por este calendário cada dia do ano seria sempre em determinado dia da semana. Por exemplo, o dia de Natal celebrar-se-ia todos os anos a uma segunda-feira.

Da adopção deste sistema emerge, porém, um novo problema: o das festas móveis. Como se sabe, a Páscoa é comemorada anualmente no domingo seguinte à primeira lua cheia do equinócio da Primavera. Portanto, este projecto de calendário viria alterar as datas previstas para a comoração dessa festa religiosa. Contudo, as autoridades religiosas já deram o seu acordo, pois que nenhum obstáculo se opõe à celebração da Páscoa em data fixa, a qual seria o segundo domingo de Abril, ou seja o dia 8.

Os anos bissextos contariam, como agora, com mais um dia, o qual não seria contado como dia de semana, para não alterar a arrumação estabelecida.

O projecto tem, como não podia deixar de ter, as suas vantagens. Contudo, vemos que não resolve os problemas provenientes de um ano solar não corresponder a um número exacto de dias e de horas.

Há, contudo, razões para crer que o calendário universal venha a entrar em funcionamento em 1956, ano que começará num domingo, que é o dia de semana indicado para o começo dos anos do presumível novo calendário.

Nunca forme juízo de alguém pelo que lhe disserem, mas sim pelos factos que observar.

MOUZINHO DA SILVEIRA

Uma arrojada viagem de três escoteiros de Luanda à Metrópole para entregar ao Presidente do Conselho uma mensagem de protesto contra o atentado da União Indiana ao território da Índia Portuguesa

Como o «Sempre Pronto» tem noticiado, já há quatro meses que partiram de Luanda quatro escoteiros do Grupo n.º 36 «Diogo Cão» que, numa velha carripana Ford, pretendiam atravessar o Continente Africano para virem a Lisboa manifestar a sua repulsa pelo vil atentado à soberania nacional na Índia Portuguesa, numa mensagem a entregar ao sr. Presidente do Conselho.

Tínhamos tido conhecimento de diversos acidentes de viagem, da desistência de um dos membros da caravana e ainda de que o velho Ford tinha sido destruído num desastre de viação e que os três arrojados rapazes chegariam a Lisboa por meados de Outubro, num dos barcos que fazem carreira para a África.

Nos primeiros dias deste mês de Novembro, surge na nossa Redacção o nosso camarada António Joaquim Pombeiro que nos apresenta o chefe Henrique Augusto da Silva, um jovem de 25 anos, que dirigiu a aventurosa viagem e que vinha expressamente para saudar o «Sempre Pronto». O nosso visitante é chefe de divisão do Grupo «Diogo Cão», e os seus companheiros, que não o acompanharam nesta visita porque se desencontraram, são os escoteiros Arnaldo Marques, de 21 anos, também chefe de divisão, e o caminheiro António Joaquim Magalhães Machado, de 20 anos. É talvez interessante saber-se que o efectivo do Grupo n.º 36 é de cerca de 200 rapazes, muitos deles pretos.

Sem darmos por isso, estava encetada uma entrevista. E a primeira pergunta surgiu natural:

— Como decorreu a vossa viagem?

— Os primeiros dois mil quilómetros foram bastante difíceis para os mecânicos, pois, de 5 em 5 quilómetros ou de 10 em 10 quilómetros, tínhamos sempre de consertar pneus e câmaras de ar, visto que estes estavam velhos e ressequidos. Chegámos mesmo a ter de encher os pneus com capim para conseguir fazer 100 quilómetros. Chegados que fomos a Kikuit, no Congo Belga, modificámos as jantes e metemos novos pneus e câmaras de ar. Ficou assim o problema mais fácil.

— Onde é que descobriram esse *luxuoso* carro?

— Era um carro velho, modelo 1925, que estava abandonado lá para o canto de uma propriedade e que nos foi gentilmente cedido pelo sr. Fernando Torres Vieira Dias.

— A Imprensa disse que um desastre inutilizou o vosso Ford, que é verdade, visto que acabaram a viagem de barco. Pode dizer aos nossos leitores como isso aconteceu?

— Chegámos a Fortsibut, África Equatorial Francesa, e, quando tentámos partir, o carro estava outra vez avariado, com a agravante de não poder ser reparado nessa localidade mas sòmente 230 quilómetros mais adiante. Uma vez mais foi um português que veio em nosso auxílio. Conduzia uma camioneta e logo se prontificou a dar-nos um reboque. Eu passei para a referida camioneta e o ajudante desta tomou o volante da nossa carripana. A viagem decorria normalmente e íamos já a cerca de 95 quilómetros da cidade de Bangui, aonde nos destinávamos. De repente, surge, numa curva da estrada, a muito grande velocidade, um camião conduzido por um preto. O condutor, não podendo travar, manobrou para evitar a colisão. Não contava, porém, com o carro rebocado e o choque foi terrível. O nosso carro foi atirado a distância e a própria camioneta se voltou. O Ford ficou completamente inutilizado e nós ainda nos demos por muito satisfeitos porque, apesar do desastre aparatoso, houve apenas ferimentos muito ligeiros.

— Foi o único desastre que tiveram?

— Não, tivemos muitos! A uma velocidade de 60 quilómetros partiu-se a barra da direcção e enfiámos por uma ribanceira mergulhando num rio. Aqui perdemos malas com roupas, dinheiro, ferramentas, artigos de alimentação, e a própria mensagem para o sr. dr. Oliveira Salazar ficou encharcada. O rio tinha jacarés e não eram possíveis grandes pesquisas, embora algumas tenhemos feito. Sempre lhe quero contar o que nos aconteceu na floresta virgem do Congo Belga. A 250 quilómetros de Masi-madimba, numa subida, partiu-se o diferencial e o nosso automóvel ficou imobilizado. Os meus dois companheiros aproveitaram um carro que seguia para Leopoldville e regressaram aqui a comprar um novo diferencial. Ficámos na estrada, em plena floresta, durante quinze dias. Esgotou-se a água e a alimentação. O problema era grave porque não levávamos armas e não podíamos assim caçar, procurar alimentos vegetais nem dormir tranquilos. De noite acendíamos a fogueira e ficava um de vela, visto que nesta altura ainda não tinha regressado a Luanda o quarto companheiro de viagem. Bastantes vezes vimos as feras, especialmente onças, espiando o acampamento. Não vimos o leão, mas não imagina o terror que de nós se apossa quando ouvimos, como nós ouvimos, o seu forte urro ecoar através da floresta. É uma sensação difícil de definir, a não ser por aqueles célebres caçadores que contam as suas mirabolantes aventuras...

«Atrevemo-nos a penetrar um pouco na floresta e conseguimos encontrar um riacho onde nos abastecemos de água, cuja qualidade não discutimos naquela altura. Não imagina o que custa a sede e só torturados por ela poderíamos ter bebido daquela água. Quanto ao problema da comida, valeu-nos uma preta que muito ocasionalmente por ali passou e nos deu quicuanga, mandioca e umas estranhas minhocas fritas».

— Que é isso de «quicuanga» — atalhámos nós.

— É mandioca descascada e posta de molho até apodrecer e depois enrolada, em forma de bola, em folhas de bananeira. A seguir é cozida a lume brando ou ao Sol.

— E é bom?

— Naquela altura não se discutiam paladares. Foi um grande pitéu! Gratificámos generosamente a preta e assim tivemos a certeza de que voltaria nos dias seguintes, que, felizmente, foram só mais três.

«Tivemos ainda uma outra avaria cerca da meia noite num local onde havia grandes gorilas. Empoleirados nas árvores arremessavam-nos gravetos e, então, aconteceu algo de extraordinário. De repente, vimos um vulto negro atrás de um de nós que estava reparando a avaria. Era um gorila, certamente, e o Machado, tão assustado ficou, que se agarrou a ele para o dominar, contando com o nosso socorro. Mas o gorila falava francês... era um preto do Congo Belga e nós, a tremer de susto, tivemos de lhe pedir desculpa».

O chefe Silva desfiando as suas recordações continua:

«Uma nota muito curiosa da nossa viagem foi o nosso encontro com os pigmeus, pretos selvagens do interior do Congo Belga. Não têm mais do que um metro de altura, penso eu. Apresentam-se só com uma tanga e mesmo nus. Quisemos atraí-los para tirar uma fotografia, mas mostraram-se sempre esquivos, fugiram e amarinharam pelas árvores».

— Tiveram bom acolhimento na vossa viagem?

— Tivemos um acolhimento carinhoso de toda a gente e de gente de todas as nacionalidades, mas principalmente de portugueses, que nos recebiam com entusiasmo e nos pediam para ficarmos ainda mais tempo. Há portugueses por todos os pontos de África, alguns separados da Pátria há muitos anos mesmo, mas todos mantendo o mesmo acendrado amor por Portugal e recordando com saudade a terra que deixaram há tanto tempo.

— Já entregaram a vossa mensagem a Salazar?

— Ainda não. Esperamos poder fazê-lo dentro de dias.

— Quando regressam?

— Esperamos regressar no «Uíge» no dia 22 do corrente (Novembro).

Íamos a terminar, agradecendo muito a visita que o chefe Henrique Augusto da Silva nos fez e a interessante entrevista que nos concedeu, mas este interrompe-nos para nos dizer:

— Peço-lhe o favor de, por intermédio do «Sempre Pronto», apresentar os nossos agradecimentos ao sr. Daniel Filipe, chefe da propaganda da Agência Geral do Ultramar, ao sr. coronel Ribeiro da Silva, Comissário adjunto da M. P., ao sr. dr. Renato dos Santos, também da M. P., à Emissora Nacional, pelo acolhimento que todos nos têm dispensado.

«Também ao sr. Comodoro Duarte Silva, Escoteiro-chefe Geral e aos dirigentes dos Serviços Centrais, agradecemos a atenção que nos dispensaram».

O chefe Silva despediu-se manifestando a sua satisfação pela maneira amiga como foi recebido no «Sempre Pronto» e mostrando-se encantado com o nosso acolhimento afectuoso, acolhimento, afinal, que temos o dever de dispensar a todos os nossos irmãos escoteiros.

Por nossa parte, além dos agradecimentos já feitos, felicitámos os corajosos viajantes pela sua tenacidade e espírito de iniciativa e pedimos lhe para ser portador das nossas saudações para os escoteiros de Luanda.

B. R.

* * *

Os três escoteiros desta arrojada aventura, foram recebidos pelo sr. Presidente do Conselho, no Sábado, dia 20 de Novembro passado, tendo o primeiro embarcado no dia 22, no «Uíge», com destino a Luanda, aguardando os outros dois uma próxima carreira.

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA



Grupo n.º 6 — Olhão

Este grupo bivacou em 10 de Outubro no Mato Joinal, acampou em 16 e 17 com três patrulhas em Belmonte. Em 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro, acampamento das quatro patrulhas juniores com programas organizados por elas próprias. Em 5, reunião geral na sede com palestras pelos subguias, compromisso de honra do novo escoteiro João Maria Sacramento e pequena festa, sendo muito apreciados os números de ilusionismo apresentados pelo subguia Carlos da Silva Bentes. Em 7 exercício de seguimento de pistas, ganho pela patrulha Andorinha. — C.

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Continua este Grupo em franca actividade, saindo sempre que o estado do tempo permite e realizando na sede as habituais reuniões, duas de cada patrulha e uma de Grupo semanalmente.

● Em 24 de Outubro, efectuou na mata local um bivaque com todo o efectivo, cumprindo integralmente o programa, que constava de provas de 2.ª e 1.ª classes e em que sobressaía um animado concurso de aperfeiçoamento e orientação, ganho pela patrulha «Lobo».

● Em 21 de Novembro, as patrulhas «Águia» e «Poupa» deslocaram-se a Castro Marim, aproveitando a boa situação do Castelo e das ruínas do Forte, de onde se disfruta uma paisagem magnífica, para ali efectuarem um interessante concurso-jogo, em que a perícia dos «sinaleiros» de homógrafo foi posta à prova com frequência. Venceu a «Poupa», mais rápida na solução dos problemas deparados e no seguimento das pistas que se lhe apresentaram.

● O penúltimo trimestre de disputa da taça «A. E. P.» foi ganho, com razoável diferença de pontuação, pela patrulha «Lobo», que assim conseguiu igualar-se à «Poupa», sua mais directa competidora. O próximo mês de Dezembro, último deste concurso, vai, certamente, mostrar-nos bom trabalho escotista por parte daquelas patrulhas, ambas bastante interessadas em conseguir o trofeu. A patrulha «Águia» continua à frente na obtenção de segundos lugares. — C.

Guia Custódio Quintas

O Grupo n.º 6 de Olhão terminou este ano o torneio para disputa da Taça «João Trigueiros», que foi ganho pela patrulha Andorinha com a sua terceira vitória, pelo que ficou definitivamente em seu poder.

Para substituir este torneio, o Grupo 6 instituiu agora um novo trofeu com o nome de «Custódio Quintas», cuja disputa já se iniciou em 24 de Outubro passado com o jogo «O Tesouro do Deus Vermelho», que noutro número publicaremos.

É bem justa esta homenagem prestada pelo grupo Olhanense à memória de Custódio Quintas, cujo nome é um extraordinário exemplo de fidelidade, dedicação e espírito de sacrifício em prol de uma Causa que se abraça com sinceridade e amor.

Há anos, por circunstâncias que não conhecemos bem, o grupo n.º 6 viu abandonarem as suas fileiras não só os seus dirigentes como quase todos os seus escoteiros. Ficaram sòmente seis escoteiros, tantos quantos o número do grupo, e entre estes o Quintas, um rapazito de 13 ou 14 anos, paquete num escritório e guia da patrulha Galo. Sòzinho, sem qualquer apoio, não se deixou vencer pelo desalento e manteve agregados os restantes 5 escoteiros, realizando actividades de campo, reuniões de patrulha, pagando do seu magro ordenado a renda da sede, a luz e outras despesas. Durou esta situação alguns meses e o Guia Custódio Quintas manteve-se firme e corajoso até que dois antigos escoteiros vieram tomar conta da chefia do 6, que teria desaparecido, como tantos outros grupos do Algarve, se não tivesse contado nas suas fileiras este escoteiro, modelo de dedicação e sacrifício, que uma doença terrível roubou já à nossa camaradagem.

A sua memória, porém, perdurará como modelo de virtudes escoteiras para cada guia de patrulha.

Escotismo e Religião

No Escotismo há certas normas de orientação que são tão fundamentais que do seu cumprimento e acatamento se pode concluir a fidelidade ao espírito de B.-P. que inspirou o Movimento e afirmar se se trata realmente de Escotismo ou de uma contrafacção.

Está neste caso a base religiosa. O Fundador declarou claramente: — *Uma organização como a nossa seria imperfeita no seu objectivo se não procurasse levar aos seus membros o conhecimento da religião.* O escotismo deve conduzir os rapazes ao conhecimento e serviço de DEUS. É por isso que B.-P. também afirma: — *Todo o escoteiro deve ter uma religião e cumprir os seus preceitos.* Foi isto que o antigo presidente dos Escoteiros de Portugal, Sr. Eng.º Jardim, nos quis recomendar quando escreveu nestas mesmas colunas que *Escotismo sem Deus, seria uma das alterações da doutrina de Baden-Powell que tornaria irreconhecível o nosso Movimento.*

E, continuando, dizia ainda o Eng.º Jardim: — *Por isso se insiste em que, dentro das fileiras dos Escoteiros de Portugal, os rapazes só são livres de afirmar qual a sua Religião, porque depois há de exigir-se-lhes que vivam dentro do inteiro cumprimento das normas impostas pela mesma Religião que livremente escolheram segundo os imperativos da própria consciência.*

Esta posição religiosa dos Escoteiros de Portugal, longe de diminuir a nossa responsabilidade perante o problema, torna-a ainda mais grave. Especialmente os dirigentes superiores estão obrigados a manter uma neutralidade colaborante, de forma a fomentar o espírito religioso de cada rapaz e a facilitar o cumprimento dos respectivos deveres.

É mesmo B.-P. quem nos apresenta e recomenda os princípios de orientação religiosa da associação britânica e neles encontramos a seguinte norma que tem sido adoptada por todas as associações dos mais diferentes países. Diz ela:

Quando um grupo é formado por escoteiros de várias religiões, eles devem ser estimulados a comparecer aos serviços religiosos da sua denominação. Esta norma é tão importante que mesmo a associação francesa «Éclaireurs de France», que se afasta um pouco dos princípios básicos do Movimento e admite escoteiros laicos, preconiza nos seus Regulamentos: *O chefe que estabelece o seu programa deve pensar nas horas dos cultos.*

Os Escoteiros de Portugal não podem pois negligenciar a observância destas normas. Associação formada por escoteiros de vários credos, deverá fomentar entre os seus membros o espírito do 4.º artigo da nossa Lei na versão original do Fundador: — *O Escoteiro é um amigo para todos, e um irmão para cada escoteiro, não importando a que País, Classe ou Credo possa o outro pertencer.* Na organização dos programas de actividade, o dirigente deverá ter a preocupação de não prejudicar a assistência dos escoteiros aos serviços religiosos da sua denominação. Por isso, ao domingo de manhã, por princípio, se não deverão realizar actividades, que possam efectuar-se ao dia de semana. Estão compreendidas neste número, portanto, todas as reuniões de sede e de instrução que se não efectuem no campo, festas, inaugurações, sessões solenes, etc.

Nas actividades de campo será necessário guardar no respectivo programa oportunidade para cumprimento dos deveres religiosos de cada escoteiro. A não observância desta regra poderá prejudicar a vida espiritual do rapaz e trazer ao escotismo censuras que, por serem justas, nos serão desagradáveis. Ainda em recente debate na Assembleia Nacional, com ou sem justiça, essa crítica foi feita a uma organização de juventude e é conveniente que o Movimento Escoteiro se coloque sempre em posição de não a merecer.

Não nos esqueçamos que um dos processos usados nos países comunistas para afastar a mocidade das igrejas é, exactamente, promover actividades às horas dos cultos para atrair os novos e provocar o seu afastamento dos templos. Devemos pois considerar este problema com toda a ponderação, como aliás se tem geralmente feito, não julgando cumprir os ditames religiosos do Escotismo assistindo um dia por festa ou comemoração especial aos serviços religiosos seja de que credo forem.

O Escotismo, entre os métodos educativos

(Extracto de uma palestra proferida ao microfone do Rádio Clube de Angra pelo Eng.º José Maria Nobre Santos, durante a sua estadia naquela cidade).

Desde a mais remota antiguidade que o homem olha para os problemas da educação. Primeiro sob o aspecto do adestramento físico, para melhor vencer as dificuldades que se lhe deparavam; depois sob o aspecto do aumento dos conhecimentos — digamos instrução — com o fim de melhor se aproveitarem os meios que a natureza põe à nossa disposição; e por último, olhando para o adestramento e desenvolvimento de certas qualidades características da personalidade humana, como meio de formar indivíduos que pela sua formação espiritual, sejam capazes de dominar todos os outros aspectos da vida.

Com o advento rápido das técnicas, no fim do século passado e com a falta dum estudo sistemático em bases psicológicas da personalidade humana, ia-se caindo no exagero de se considerar a instrução como objectivo principal, deixando os outros aspectos da educação — o físico e psico-espiritual — para planos muito secundários, ou mesmo, sem que fossem levados em consideração.

Mercê da intuição e do estudo dedicado de grandes pedagogos, têm-se introduzido novos conceitos e métodos na educação. Tem-se deixado o ensino apático e livresco, para se enveredar pelo caminho das chamadas Escolas Activas, onde se procura aproveitar ao máximo a natural curiosidade, iniciativa e desejo de fazer figura que todo o rapaz tem, deixando-o actuar em grande parte por si.

Apesar disso, continua a ser o aspecto instrutivo o que mais merece a atenção dos Governos, pois que, tal como está concebida a escola, nos seus diferentes graus de ensino, tem de ministrar conhecimentos e só mais subsidiàriamente encarar outros aspectos de educação.

Por isso nasce a necessidade de, como extensão da actividade escolar, ou fora dela, se criarem organizações que preencham a lacuna deixada. Essa necessidade mais se faz sentir naqueles que frequentam sòmente os primeiros graus de ensino, para logo seguirem a vida de trabalho.

Aparecem as mais variadas formas de actividade, educativas ou recreativas, que ocupam as horas vagas. São as organizações da juventude, sob os variadíssimos aspectos que podem revestir, segundo a origem e fins mais directos a obter, ligadas ou não ao Estado, que se têm desenvolvido desde o princípio deste século.

De todas essas organizações, permito-me, neste momento, destacar o Escotismo, em virtude da perfeita e completa satisfação que dá às necessidades atrás apontadas, que pela excelência dos seus métodos se integra completamente dentro dos modernos conceitos pedagógicos, que quando bem compreendidos e aplicados permitem obter resultados admiráveis. Isso tem feito com que a sua aplicação se tenha estendido através de todo o Mundo, por todos os Continentes, adaptando-se a todas as raças humanas e a todas as crenças religiosas.

Podemos dizer que todos os Países o adoptaram; a maioria, na sua pureza original, conservando-lhe a totalidade das suas características fundamentais de verdadeira educação, interessada, acima de tudo, nessa educação. São perto de 50 países, onde cerca de 6 milhões de escoteiros, desenvolvem assìduamente as suas actividades e por onde têm passado antigos escoteiros, hoje homens, que se aproximam da centena do milhão.

O fundador do Escotismo, Robert Baden Powell, vinha pensando nos problemas educativos desde a sua adolescência e como oficial do exército inglês, várias vezes tinha sentido, como acima dos conhecimentos técnicos, eram necessárias as qualidades morais para se ganharem as batalhas.

Durante a guerra Anglo-Boer na África do Sul — no cerco a Mafeking, cuja defesa lhe estava confiada, viu-se forçado a tomar o préstimo dos rapazes, pondo em prática algumas das ideias que o contacto com a instrução dos soldados lhe tinham sugerido. Quase, com espanto seu, viu como esses rapazes, convenientemente orientados e desde que se lhes atribuíssem responsabilidades compatíveis com as suas posses, se desempenhavam bem das missões, por vezes espinhosas e arriscadas.

Daí nasceu-lhe a ideia de lançar as bases de uma organização da juventude inglesa onde aplicasse os factos que tinha observado e se concretizassem as ideias que tinha em mente.

Publicou o livro «Scouting for Boys» (Escotismo para rapazes) e em 1910 já se viam os primeiros Grupos de Escoteiros.

A ideia espalhou-se rápida por vários países. O primeiro Grupo português foi organizado pelo Sr. Comandante Álvaro de Melo Machado, em Macau e em 1913. Organizou-se a Associação dos Escoteiros de Portugal com os três grupos existentes em Lisboa. Foi seu primeiro Presidente o Sr. Dr. Sá Oliveira, distinto professor que tive a honra de ter como mestre no Liceu de Pedro Nunes, em Lisboa, quando funcionava como Liceu Normal — para estágio dos professores recém-formados — e onde ele era o seu reitor e impulsionador de várias iniciativas pedagógicas.

A criação do espírito de amizade entre os rapazes do mesmo Grupo ou país e até dos outros países é um dos principais objectivos do Escotismo, contribuindo, assim, para um maior entendimento e amizade geral no Mundo. É a correspondência entre os escoteiros, as visitas aos acampamentos que tal facilitam. Organizam-se periòdicamente reuniões e acampamentos internacionais de dirigentes e escoteiros. Isso dá possibilidade de estreitamento de relações de amizade e de se conhecerem os países, novas paisagens e novos ambientes, que de outro modo seria mais difícil.

Este carácter internacional do escotismo não impede um forte nacionalismo com elevado respeito pelo dos outros. As organizações nacionais são soberanas, havendo sòmente um organismo central internacional, com o fim de facilitar burocràticamente as ligações. A adesão a esse organismo central é também absolutamente voluntária.

Ainda que muito resumidamente, espero ter dado uma ideia do Escotismo.

A terminar, não quero deixar de fazer um apelo:

Todos os esforços que se façam em prol da nossa juventude não são demais. Todas as organizações actualmente existentes têm o seu papel a desempenhar e o Escotismo tem o seu lugar bem definido.

Todos os esforços são de aproveitar nestas causas desinteressadas e por isso lembro aos Antigos Escoteiros o que aproveitaram e o dever que têm de o auxiliar; aos Pais e educadores recordo o meio que têm à sua disposição para proveito dos seus filhos e educandos.

E a finalizar, só me resta agradecer a atenção dos Ex.mos ouvintes e ao Rádio Clube de Angra a oportunidade que me deu.

A todos, muito boas noites, e muitas felicidades nesta boa terra açoriana.

DOS AÇORES

Grupo N.º 6—Angra do Heroísmo

Visita do Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos — Este grupo teve a honra de receber a visita deste dirigente escotista no passado dia 3 de Outubro. Os componentes do grupo prestaram guarda de honra ao visitante quando este chegou à sede acompanhado pelo chefe do grupo 52 e pelo guia do grupo, Srs. Moniz Silva e Soares de Ávila, respectivamente.

Secção Escotista — Conforme noticiámos, em 13 de Outubro realizou-se na sede do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros uma sessão escotista a que presidiu o Sr. Coronel Alpoim, comandante distrital da L. P.; ladeado pelos Srs. Coronel Gomes da Silva, presidente da Direcção do Grupo; Major Proença, em representação do Sr. Tenente Coronel Rocha Abreu, comandante do B. I. I. 17, Padre Gil Mendonça, dirigente da M. P., Professor Lima, adjunto do Director Escolar, Eng. Nobre Santos e Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva.

Entre a assistência, viam-se os Srs. delegado e subdelegado do I. N. T. P., Capitão Couto Vaz, comandante do Batalhão 59 da L. P.; Diogo de Meneses Ávila, presidente da Câmara Municipal de Praia; Guilherme S. Machado, director da Confederação Operária Terceirense; Padre M. Aguiar de Meneses, Henrique Barcelos, em representação do Grupo Amigos da Terceira; Artur M. Silva, presidente do Sindicato dos Caixeiros e muitas outras entidades de representação local.

Aberta a sessão, os escoteiros do 52 cantaram a canção «Eh! Lá!» e o Chefe do 52 historiou a sua entrada para o Movimento e a actividade do seu grupo, terminando por apresentar o orador da noite, Eng.º Nobre Santos que, versando o tema «Porque estou aqui e sou Escoteiro», apontou as grandes finalidades educativas do Escotismo.

A terminar a sessão, foram apresentadas três poesias pelos escoteiros Leopoldino Tavares e Henrique T. Sousa e três escoteiros dissertaram sobre o tema «O que penso do Escotismo», tendo manifestado o seu amor pelo Escotismo e pelo Grupo 52.

Prestaram Compromisso três novos escoteiros, e a sessão foi encerrada com o Hino Nacional cantado pelos escoteiros acompanhados de alguns assistentes.

Visita ao Seminário Episcopal de Angra — A convite da secção de Teologia e do grupo de escutas em organização no Seminário Diocesano e do grupo de escutas em organização no mesmo Seminário, por intermédio do chefe do 52, o Eng.º Nobre Santos foi ali repetir a sua palestra, tendo respondido a muitas perguntas que sobre o Escotismo lhe foram feitas.

Palestra no Rádio Clube de Angra — Em emissão directa, o Eng.º Nobre Santos fez uma palestra aos microfones do Rádio Clube de Angra, no dia 21 de Outubro, palestra que publicamos noutro local.

A estadia do sr. Eng.º Nobre Santos na Ilha Terceira, onde veio em serviço da Direcção dos Serviços de Salubridade para estudar os trabalhos de abastecimentos de água à região da Praia da Vitória, foi muito proveitosa para o Grupo 52, tendo o chefe deste grupo trocado com o ilustre visitante impressões sobre os problemas inerentes ao Movimento. —C.

Vamos fazer uma excursão a França?

A ideia lançada no último número de se efectuar uma excursão a França, parece que está destinada a obter clamoroso êxito. Várias pessoas amigas, escoteiros e antigos-escoteiros já se nos têm dirigido, quer verbalmente, quer por carta, a pedir-nos esclarecimentos sobre este empreendimento.

Informamos que o assunto está a ser estudado e no próximo número contamos referir-nos a ele mais pormenorizadamente e fornecer todas as indicações necessárias.



Carlos Fernando Garcia



No dia 1 de Dezembro corrente, foi a enterrar no cemitério da Malveira este nosso bom amigo e camarada de redacção, vitimado por pertinaz doença que há dois anos o retinha em tratamento sem êxito.

Carlos Fernando Garcia foi escoteiro do Grupo 13 e colaborou nos Serviços Regionais, cerca de 1944, e nos Serviços de Defesa Passiva que se organizaram em 1940. Foi também um dos colaboradores do Acampamento Regional do Estoril. Em 1950 foi adjunto da Tesouraria Geral da A. E. P.. Era um escoteiro pronto para servir sempre que a sua colaboração era reclamada. Fez também parte de alguns grupos campistas, particularmente da secção campista do Grupo «Os Carlos».

O nosso saudoso amigo tinha apenas 27 anos de idade e deixa dois filhinhos de tenra idade. Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» sentem dolorosamente a perda do seu camarada e apresentam à família enlutada, particularmente à viúva sr.ª D. Conceição Morais Garcia, condolências muito sentidas.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 9

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

—Entendes que não tens já bastantes pecados às costas, para que queiras acrescentar o assassínio aos outros crimes? Realmente, Cicatriz-vermelha, tens ainda muito que aprender, e a tua última lição hás-de recebê-la tarde demais, quando já estiveres com a corda no pescoço.

— Eu faço lá caso do que estás a dizer! — exclamou Gavril, mas no entanto empalideceu e deixou cair o machado.

— Pshiu — fez Estêvão. — Nem mais uma palavra. Os rapazes vão acordar.

Passaram-se dois dias, e Alfredo e Eduardo não tinham muito motivo de queixa, exceptuando a proibição de saírem da cabana. Gavril estava ausente a maior parte do tempo, ficando, portanto, sòzinhos com Estêvão, que, posto que algumas vezes se apresentasse de mau humor, nunca os tratava mal.

No terceiro dia, porém, anunciou o seu intento de proceder a indagações com respeito ao irmão, que estava preso numa cidade dali a vinte léguas.

— Oh, Estêvão — exclamou Alfredo — se nos abandonas, vamos morrer de medo. O Cicatriz-vermelha odeia-nos, e, se chega a convencer-se de que não lucra nada em nos ter aqui sequestrados, desembaraça-se de nós por qualquer forma. Num sítio ermo como este, quem poderá impedi-lo de fazer o que entender?

Estêvão, ouvindo estas palavras, ficou pensativo. Por fim disse: — Isto tem de levar uma volta, mais tarde ou mais cedo, e porque não há-de ser já hoje? Trata-se do seguinte, meus filhos: Gavril tem ideia de se conservar por fora toda a noite, e recomendou-me que, se eu partisse antes de ele voltar, vos fechasse de maneira que não pudésseis fugir. Ora eu vou deixar a porta exactamente como ele recomendou, mas se estiverdes *lá fora*, em vez de estardes *cá dentro*, eu faço de conta que não dou por isso. Para falar a verdade, estou ansioso por que se tire de sobre mim esta responsabilidade de vos ter aqui como prisioneiros; declaro perante Deus que não vos desejo mal algum, e que estou amargamente arrependido de ter feito causa comum com o Bando Negro. Desviei-me do bom caminho, causando um grande desgosto aos meus, e que ganhei com isso?

— Estêvão, nosso bom amigo, não te dirijas mais censuras — exclamou Alfredo. — Tudo se há-de remediar ainda.

— Sim, Estêvão — suplicou Eduardo com as lágrimas nos olhos. — Auxilia-nos, e não te hás-de arrepender de o teres feito.

— Quando o nosso pai voltar outra vez para aquilo que é seu — disse Alfredo, — havemos de lhe contar que nos protegeste e nos trataste carinhosamente, e ele de muito boa vontade te readmitirá.

— Mas, meus filhos, não sei que fazer convosco agora, não sei para onde vos conduza. Preciso de falar com meu irmão, ou, pelo menos, de me informar a seu respeito. Minha mulher e meus filhos estão em casa de minha velha mãe, em S. Petersburgo, de modo que estou sossegado quanto a eles. Mas não vos posso levar comigo; que hei-de, pois, fazer? Deixar-vos aqui é expor-vos à morte, pois que julgo Gavril capaz de tudo.

— Tenho um pressentimento — disse Alfredo — de que se conseguirmos chegar a nossa casa tudo virá a acabar bem.

— Essa tentativa de voltardes para casa oferece os seus perigos — replicou Estêvão, — mas temos de escolher entre dois males, e talvez haja mais segurança para vós no caminho do que aqui, a sós, com Gavril.

— Eu levo, já se vê, o Sharik — continuou o rapaz. — Ele pode fàcilmente connosco, e é possível que ele atine com o caminho, que eu ignoro. É um animalzinho muito inteligente.

— Temos aqui muitos comestíveis — disse Estêvão; — deveis, portanto, encher bem as algibeiras, e não vos esqueçais também de levar uma porção de aveia para o garrano.

As coisas ficaram combinadas deste modo, e antes de se deitarem entraram na questão dos pormenores. Ainda, porém, não tinham tido tempo de adormecer, quando ouviram bater com força à porta, e logo em seguida uma voz áspera, que reconheceram ser a de Gavril, gritou: «Acordem! Estão todos mortos? Abram a porta!».

Estêvão, resmungando o que quer que fosse, foi abrir. Os rapazes assentaram-se na cama, pálidos e trémulos, com o desespero nos corações, pois que acabavam de compreender que todos os seus planos de fuga haviam sido frustrados. O Cicatriz-vermelha voltara mais cedo do que se esperava, e iam agora ficar entregues nas suas mãos.

(Continua)

O 20.º aniversário

do Grupo 94 (Ajuda) Lisboa

Este Grupo comemorou durante o mês passado o 20.º aniversário da sua fundação. No dia 21 realizou um concurso inter-patrulhas, no qual tomaram parte as patrulhas «Águia» e «Bisão», do Grupo 10, «Águia» do Grupo 53, «Águia» e «Veado» do Grupo 94, que se classificaram da seguinte forma:

1.º lugar a patrulha Águia do Grupo 53, 2.º a patrulha Águia do Grupo 10, 3.º a patrulha «Veado» do Grupo 94, 4.º a patrulha «Bisão» do Grupo 10 e 5.º a patrulha «Águia» do Grupo 94. Aos quatro primeiros classificados foram entregues prémios representados por obras de literatura escotista, constituindo o primeiro prémio um exemplar do «Escotismo para Rapazes».

No dia 24, realizou-se na sede um chá de confraternização dos escoteiros e, no dia 25, uma reunião dedicada aos pais e aos antigos escoteiros, durante a qual fez uma palestra o nosso Director. O antigo escoteiro sr. Manuel Palma exibiu alguns filmes escotistas e o filme que realizou por ocasião do 10.º aniversário do Grupo 94, no qual se apreciam alguns aspectos da actividade do Grupo.

Culto de acção de graças

No Domingo, dia 28, de manhã, o Grupo promoveu um culto de acção de graças na Igreja Evangélica Ajudense. Presidiu à cerimónia o Rev. Gerson de Azevado Meyer, tendo o caminheiro Albano Costa lido um salmo. O chefe do Grupo, Capitolino Macedo, disse algumas palavras alusivas ao acto e o sermão foi proferido pelo seminarista sr. Saul de Sousa, que falou sobre «Servir».

Ao culto assistiram muitos amigos do Grupo e antigos escoteiros, bem como quase todo o efectivo do Grupo 94.

Sessão solene

No mesmo dia à tarde realizou-se uma sessão solene na Sede, perante uma assistência que se comprimia na sala e ocupava o terreno anexo. Presidiu o sr. Saul de Sousa, secretariado pelos srs. Alves de Azevedo, D. Júlia Ribeiro, chefe do Grupo de Guias «Rainha D. Leonor»; João Amorim, chefe do Grupo 84 do Entroncamento e Rev. Azevedo Meyer.

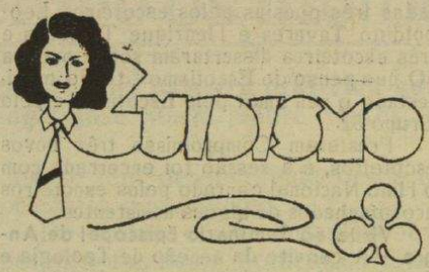
Realizaram-se as cerimónias comuns a estes actos, tendo sido entregue ao Grupo, pelos Antigos Escoteiros, um novo estandarte. Em nome destes, falou o sr. Joel Ribeiro, que disse que, os Antigos Escoteiros do Grupo 94, esperavam que os actuais continuassem a honrar a bandeira, que simbolizava os ideais comuns.

Neste momento a sr.ª D. Júlia Ribeiro colocou no novo estandarte uma fita azul com uma dedicatória de homenagem do Grupo de Guias «Rainha D. Leonor», ao Grupo 94, no seu 20.º aniversário.

Prestaram promessa os novos escoteiros Aires dos Santos Reis, que transitou da divisão Lobito, David José da Costa, Joaquim de Almeida Marques.

O Rev. Azevedo Meyer fez uma notável conferência sobre a Verdadeira Felicidade e a sessão terminou com algumas palavras do presidente da mesa, seguindo-se uma exibição de filmes apresentados novamente pelo sr. Palma.

Estiveram representados os Grupos 10, 79 e 85, bem como o Grupo de Guias «Rainha D. Leonor», com o seu estandarte.



Grupo «Rainha D. Leonor»

Visita cultural — No dia 7 de Novembro, as Guias fizeram uma visita ao Jardim Zoológido, tendo tido oportunidade de apreciar os inúmeros atractivos daquele Jardim, constantemente enriquecidos com novos exemplares e melhoramentos.

Festa — No dia 13 de Dezembro do corrente, às 21 horas, na Sede da J. E. P. na rua D. Carlos I, 35, 2.º, Dt.º, este Grupo promoverá uma festa que promete ser interessante, apresentando diversos episódios, desempenhados pelas Guias, suas componentes.

B. A. do Natal — No próximo Natal as Guias mais uma vez vão oferecer um jantar às crianças pobres suas protegidas. Os amigos deste Grupo que quiserem cooperar nesta Boa Acção devem enviar as suas ofertas para a Sede do Grupo.

O GRUPO 53

Está a comemorar o seu 21.º Aniversário

Este grupo iniciou as comemorações do 21.º aniversário da sua fundação com um culto de acção de graças que se realizou no dia 1 de Dezembro no templo da Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, na Rua das Janelas Verdes.

O acto religioso orientado segundo o ritual aprovado pelo Sínodo Nacional daquela Igreja para as cerimónias escotistas, tendo o Rev. Eduardo Moreira proferido uma prédica em que, focando o episódio do Evangelho descrito em S. Marcos, 2: 1 a 12, fez o elogio do espírito de equipa, robustecido pela amizade, cooperação e iniciativa, virtudes que devem ornar o carácter dos jovens escoteiros.

Durante este culto foi entregue um novo estandarte ao Grupo 53 pelo pastor da Igreja e fizeram promessa cinco novos escoteiros.

No Domingo, dia 5, o grupo ofereceu um almoço na sua sede a 21 velhinhos pobres e às 16 horas uma sessão solene, actos a que nos referiremos no próximo número.

No dia 8, realizar-se-á no ginásio da A. C. M., um torneio de voleibol entre equipas dos grupos 10, 53 e 94.

No mesmo dia, às 21 horas, uma sessão cinematográfica dedicada aos sócios e no dia 12, às 16 horas, um chá de confraternização entre os antigos e actuais escoteiros.

Comemorações do 1.º de Dezembro

Um contigente dos Escoteiros de Portugal constituído por deputações de todos os grupos de Lisboa e Sintra, chefiados pelo sr. Madeira Leitão, desfilaram no dia 1 de Dezembro, tendo colocado um ramo de flores no Monumento dos Restauradores.

Os escoteiros, em número superior a uma centena, perfilaram-se junto ao monumento onde eram aguardados pelos srs. Tenente Diogo Afonso e Manuel Dias de Almeida, respectivamente secretário geral e vogal da direcção da A. E. P.. Depois de terem colocado o ramo de flores, os escoteiros desfilaram depois até à sede da A. E. P., tendo sido muito apreciado o aprumo com que se apresentaram.

O facto do feriado nacional não ser, infelizmente, observado por muitos estabelecimentos comerciais e industriais, impediu que se tivesse reunido uma maior representação dos nossos grupos.

ACTUALIDADES ESCOTISTAS



Os Escoteiros que saíram de Luanda para a sua arrojada viagem através de África junto do automóvel, modelo 1925, que foi destroçado pelo choque de um camião.



O eng.º Nobre Santos discursando em Angra do Heroísmo na sala do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros, vendo-se na presidência o Sr. Coronel Alpoim